

Pandemias, profecias e autonomias: os Guarani e Kaiowá contra a COVID-19

FELIPE MATTOS JOHNSON

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

felipemattjo@gmail.com

LUCAS LUIS FARIA

Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul,
Brasil

lucasluisf@outlook.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp42-52

resumo Este relato, através da antropologia engajada e psicologia crítica, articula narrativas Guarani e Kaiowá com a pandemia do novo coronavírus, com intuito de evidenciar as ações autônomas da população indígena de contenção do Covid-19 em seus territórios. Por outro lado, os primeiros casos de infecção entre os Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul surgem a partir de grandes empresas do agronegócio, justamente o setor responsável por parte considerável da destruição de habitats que criam fricções entre seres humanos e não-humanos, gerando situações proto-pandêmicas. Neste sentido, buscamos demonstrar a permanência da colonialidade através da contradição entre o modo de vida não-indígena e a sensibilidade de mundo dos Guarani e Kaiowá com objetivo de descolonizar os discursos sobre saúde e doença, destacando a agência política dos povos indígenas para enfrentar a pandemia.

palavras-chave Guarani e Kaiowá; Coronavírus; Colonialidade; Autonomias.

Pandemics, prophecies and autonomies: the Guarani and Kaiowá against the Covid-19

abstract This report, through an engaged anthropology and a critical psychology, articulates Guarani and Kaiowá narratives with the new coronavirus pandemic in order to emphasize the autonomous actions of the indigenous population to restrain the dissemination of Covid-19 in their territories. On the other hand, the first cases of infection amongst the Guarani and Kaiowá in Mato Grosso do Sul emerge through large agribusiness companies, precisely the sector that is responsible for a considerable part of habitat destruction, what creates frictions between human and non-human beings, generating proto-pandemic situations. In this regard, we seek to

demonstrate the continuity of coloniality through the contradiction between the non-indigenous way of life and the sensibility of the world according to the Guarani and Kaiowá. The objective is to decolonize speeches about health and disease, highlighting the political agency of the indigenous people to face the pandemic.

keywords Guarani and Kaiowá. Coronavirus. Coloniality. Autonomy.

Pandemias, profecías y autonomías: los Guarani y Kaiowá contra el Covid-19

resumen Este relato, a través de la antropología comprometida y la psicología crítica, articula narrativas Guarani y Kaiowá con la pandemia del nuevo coronavirus, con el objetivo de resaltar las acciones autónomas de la población indígena para limitar la expansión del Covid-19 en sus territorios. Por otro lado, los primeros casos de infección entre los Guarani y Kaiowá en Mato Grosso del Sur surgen a partir de grandes empresas del agro negocio, sector responsable de parte significativa de la destrucción de los hábitats que crean fricciones entre seres humanos y no-humanos, generando situaciones proto-pandémicas. En este sentido, buscamos demostrar la permanencia de la colonialidad por medio de la contradicción entre el modo de vida no-indígena y la sensibilidad de mundo de los Guarani y Kaiowá, con el objetivo de descolonizar los discursos sobre salud y enfermedad, resaltando el accionar político de los pueblos indígenas para enfrentar la pandemia.

palabras clave Guarani y Kaiowá. Coronavirus. Colonialidad. Autonomía.

Introdução

Este relato, através da Antropologia engajada e da Psicologia crítica, articula narrativas Guarani e Kaiowá, formas de colonialidades derivadas do modelo agroextrativista de acumulação e a pandemia do novo coronavírus. Em específico, visamos evidenciar, por um lado, a relação do modelo predatório do agronegócio com a emergência dos organismos patogênicos – efeito correlato ao karai kuera reko (BENITES, 2017) ou modo de vida não-indígena de acordo com os Guarani e Kaiowá –, e os principais difusores da doença nos *tekoha*: as empresas transnacionais do agronegócio. Por outro, a partir de diálogos, entrevistas e ações de solidariedade em distintos *tekoha* no contexto da pandemia, relatar as ações autônomas dos Guarani e Kaiowá para contenção do Covid-19 em alguns territórios que ocupam no Mato Grosso do Sul, onde conformam a segunda maior população indígena do Brasil.

O violento processo de desterritorialização dos Guarani e Kaiowá é amplamente documentado (BRAND 2004; CAVALCANTE, 2013) e culmina no presente modelo do agronegócio, impulsionado pelo avanço das cadeias produtivo-extrativas para indexar e sacrificar zonas através do esgotamento de suas dinâmicas ecológicas (ADOUE, 2018). O marco inicial foi a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1879) e seus desdobramentos, em meados de 1880 (BENITES, 2012). Na década de 1910, o Serviço de Proteção Índio (SPI) realiza as remoções forçadas dos Guarani e Kaiowá de seus territórios,

os confinando em oito pequenas Reservas para liberar espaço para a colonização e concentrar mão de obra barata disponível para a acumulação capitalista – como os atuais trabalhadores indígenas da JBS. Como veremos, é na superpopulosa Reserva Indígena de Dourados (RID) que o coronavírus começa a se alastrar, justamente a partir da referida empresa.

A desobediência anticolonial destes povos insurge historicamente pela recuperação de seus grandes territórios, os *Tekoha Guasu* – onde se situam diferentes *tekoha*, concebidos como fonte primária de saúde (ATY GUASU, 2012, online). É o caso de Guyaroka, localizado no município de Caarapó, pequena porção do território ancestral recuperado em 2004.

Profecias anticapitalistas: coronavírus e as colonialidades agroextrativistas

“Logo vai chegar doença e acabar com tudo. Vai varrer a soja, o milho, o gado... tudo vai acabar. Não vai sobrar ninguém. Nem indígena nem *karai*”, profetizava Seu Tito, *nhanderu*² centenário que sorria com seus óculos escuros enquanto debulhava o milho de uma roça mais distante que suportou a carga de agrotóxicos despejados sobre a comunidade pelos fazendeiros que a cercam³, duas semanas após ataque químico contra a retomada de Guyaroka, em fevereiro de 2020. O diálogo antecede em ao menos um mês a aparição pública do novo coronavírus, que já circulava em corpos não-humanos desde tempos imemoriais, como se verifica nos morcegos da família *Rhinolophidae*, possíveis hospedeiros do novo coronavírus. Lagrou (2020) relembra o *Nisun* como conceito Huni Kuin relacionado à predação e contra-predação entre humanos e não-humanos. O *Nisun* é causador de efeitos adoecedores como vingança regulada por regras de consumo de alimento e caça. É preciso “negociar com os donos das espécies ou com os próprios duplos dos animais” (LAGROU, 2020, s/p).

Na cataclismologia guarani há um tempo das catástrofes, como quando “os morcegos *mbopi recoypy* devoram o sol e a lua” (NIMUENDAJU, 1987, p. 69). Diferentemente da noção de “lenda/mito”, assumimos que as narrativas Guarani e Kaiowá tratam de acontecimentos reais. Ou seja, que “a narrativa é [...] a própria vida e o narrar é o viver” (GONÇALVES, 2020, p. 54) – o que aproxima a proposta de Antropologia engajada e Psicologia crítica desta breve pesquisa. As profecias – como a de Tito – podem nos mostrar o cruzamento entre memória histórica – as doenças trazidas pelos europeus – e a iminência de novas catástrofes – sol e lua, outra vez, devorados por morcegos. A atual pandemia também nos direciona para o inverso da profecia malinowskiana. O que está

¹ "Não-indígena" para os Guarani e Kaiowá.

² Como os Guarani e Kaiowá se referem aos rezadores, ou xamãs.

³ Ataques químicos com agrotóxico e calcário foram realizados contra a retomada de Guyaroka sucessivamente desde os dias 6 a 11 de maio de 2019 (CIMI, 2019).

fadado à extinção é o modelo de organização ocidental, provocada pelo movimento de exploração e genocídio em prol da expansão do capital.

Tais narrativas-acontecimentos implicam, neste texto, descolonizar certo discurso hegemônico sobre saúde e entender que os agrotóxicos aplicados contra Guyraroka dizem muito sobre um coronavírus que emerge de matas em vias de inexistência, como bem conhecem os Guarani e Kaiowá ao observar o entorno de seus territórios, mutilados pelas monoculturas e pela violência histórica recaída sobre seus corpos e comunidades. Como incita Albert (2014), a solidariedade crítica é ponto fulcral para o engajamento com os povos indígenas e pressupõe a responsabilidade com sua imaginação conceitual, demandas e movimentos políticos desses povos (MARTÍN-BARÓ, 1980). A pandemia impõe a necessidade de repensar os campos de pesquisa a partir do compromisso social com os povos dada a atualização dos movimentos étnicos em decorrência do vertiginoso crescimento dos casos de coronavírus em corpos-territórios Guarani e Kaiowá.

Os Guarani e Kaiowá se referem ao vírus como *mba'etirõ*. Em diálogo com uma companheira da retomada Guyra Kambi'y, aprendemos que “segundo os mais velhos, [*mba'etirõ*] é o dono da doença que a gente não vê”, combatida com banho de remédios da floresta que, através do cheiro, espantam o vírus, envolvendo a agência de diferentes seres. O dono da doença, segundo a mesma companheira, muito se assemelha ao *Nisun*. O papel do xamã, de acordo com Benites (2012, p.73) é de rezar para o controle das doenças e assim “purificar ou esfriar os tempos maus (*ararasy*) que podem atingir todos os seres humanos do local” – quando explica às crianças sobre o *mba'etirõ*.

O agronegócio é parte do *karai kuera reko* ancorado no modelo predatório de exploração, extração e acumulação fundado pela colonização europeia. Este modo de vida pode ser compreendido em oposição ao modo de vida Kaiowá, que concebe que “as diversas características de doenças são provocadas pela má exploração dos recursos naturais” (SERAGUZA, 2017, p. 153). A deflagração da pandemia está diretamente relacionada aos transbordamentos zoonóticos que ocorrem em consequência da liberação de diferentes patógenos causada pela expansão capitalista sobre áreas selvagens (WALLACE, 2016). Nos anos 1930, já havia relatos de epidemias nas comunidades Kaiowá e Guarani, onde se encontravam muitos cemitérios de criança; em 1970, auge da “Revolução Verde”, há registros de epidemias de sarampo – ambos contextos conectados às remoções forçadas pela expansão capitalista (MORAIS, 2017, p. 57).

A catástrofe se expressa nas recentes infecções na RID, composta pelas aldeias Bororo e Jaguapiru, onde cerca de 100 famílias encontram-se sem acesso à água, como divulgado por mídias locais⁴. A falta de água é um agravante que dificulta a adoção de medidas sanitárias, um problema antigo em meio a outras epidemias no local – como tuberculose e dengue –, que não é, entretanto, o fator local causador da disseminação do novo coronavírus entre os Guarani e Kaiowá. Isto se dá como consequência direta da

⁴ Os casos foram compilados por diversos jornalistas e jornais de ampla circulação na região.

continuidade do funcionamento da empresa JBS⁵, onde trabalhadores/as Guarani e Kaiowá são superexplorados na linha de produção do frigorífico. A narrativa oficial do Estado brasileiro diz que a economia não pode parar. A JBS não parou. Os ônibus de turma seguiram entrando e saindo das aldeias na região, resultando nos primeiros casos de COVID-19 entre os Guarani e Kaiowá, ocorridos entre os dias 11 e 12 de maio, que logo se multiplicaram atingindo a Terra Indígena Panambi-Lagoa Rica, onde também existem indígenas que trabalham no frigorífico.

No caso da aldeia Tey'i Kue⁶, as duas pessoas confirmadas trabalham no corte e plantio de cana para a transnacional Raízen, onde “tem muita exploração, muito trabalho pesado [...]. O único meio de ganhar recurso é trabalhando nessa empresa. O efeito contra os trabalhadores é que muitos ficam doentes e a empresa é negligente, não quer pagar pelo efeito que deu na pessoa, deixa de lado”, afirma um de nossos interlocutores. A empresa, curiosamente, parou as atividades antes de publicar a existência de casos de infecção, citando apenas os indígenas como vetores de transmissão e não identificando sua origem real. Na sequência, rescindiu os contratos dos trabalhadores indígenas sem nenhuma compensação até o momento de conclusão deste artigo, mais de um mês após o ocorrido vir a público. Importante realçar que alguns Guarani e Kaiowá que perderam o emprego foram realocados para Usina Rio Amambai Agroenergia, em Naviraí, vinculada à Cargill.

O contexto da pandemia revela elementos estruturais e estruturantes das colonialidades entre os Guarani e Kaiowá, como o protagonismo das transnacionais que controlam as cadeias produtivo-extrativas. Também se agrava na pandemia o cenário gerado pelas políticas anti-indígenas que incidem sobre a vida e território dos povos neste momento. Diante da conjuntura de desmantelamento e ideologização (MARTÍN-BARÓ, 1980) anti-indígena das instituições indigenistas, as comunidades e organizações indígenas se auto-organizam para enfrentar a pandemia.

Autonomias contra pandemias

Em entrevista a distância realizada com Kunumi Verá, sobrevivente do Massacre de Caarapó de 2016 – que carrega até hoje uma bala na capa do coração - podemos entender a relação entre autonomia, as retomadas de terra e a contenção do novo coronavírus nos *tekoha*:

as retomadas pensam em autonomia e liberdade frente a essa doença nova, o coronavírus. Pra ajudar a impedir que essa doença venha contaminar nossas aldeias, a gente tá mantendo nossa segurança dentro

⁵ Em Dourados, está situada às margens da BR-163, rodovia que rasga o país de norte a sul, cujas rotas destinam grande parte das exportações brasileiras de *commodities*.

⁶ Reserva Indígena demarcada pelo antigo Serviço de Proteção ao Índio, situada no município de Caarapó.

do nosso *tekoha*. Desde as retomadas pensamos em ajudar as pessoas que estão fazendo bloqueio sanitário, controlando quem entra e quem sai do nosso território, fazendo higienização dos carros, das pessoas, e impedindo os não-indígenas de circularem aqui. Não tem dinheiro, mas a gente tem nossa plantação que pode trazer alimentação para as pessoas que estão fazendo bloqueio, pra impedir quem está trazendo doença para retomada e aldeia atual. (informação verbal).

Dentre as ações protagonizadas pelos Guarani e Kaiowá, destacamos precisamente as barreiras sanitárias para o controle territorial, o preparo de medicinas tradicionais, as campanhas de solidariedade, as denúncias e as arrecadações de fundos através de uma tática de “demarcar as telas e ocupar as redes” (APIB, 2020, s/p), a partir de movimentos orientados por decisões coletivas que comunicam o local à articulação nacional através da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e multiplicam os atores políticos envolvidos entre distintos movimentos e organizações populares. As formas de auto-organização entre os Guarani e Kaiowá – o local – seguem as orientações dos conselheiros e conselheiras das assembleias de base: Aty Guasu, Kunhangue Aty Guasu e Retomada Aty Jovem (RAJ)⁷, por vezes articulados às capitânias. Isso demonstra, antes de tudo, a autonomia Guarani e Kaiowá como principal forma de contenção da pandemia nos seus territórios. Ademais, demonstra o papel do Estado, que relega à muitas comunidades a penúria agravada pelo coronavírus.

Em Dourados, diferentes frentes auto-organizadas também se articulam para o enfrentamento autônomo do contexto da pandemia. A Associação de Mulheres Indígenas de Dourados se organizou para a confecção de máscaras para as aldeias Jaguapiru e Bororo, em face ao silêncio do poder público. Iniciativas no formato de campanhas também estão sendo realizadas, como o projeto “Direito dos povos Kaiowá e Guarani” , que visa a preparação de jovens para mediação do acesso ao Auxílio Emergencial, haja vista as dificuldades em acessar o benefício: dívidas em mercados, celulares inacessíveis ou falta de documentação exigida são alguns exemplos. Ainda, organizações independentes como a Oga Yvytu, constituída por lideranças jovens Guarani e Kaiowá e apoiadores, realizam trabalho audiovisual e elaboram transmissões ao vivo (*live streaming*) e financiamentos coletivos online (chamados de “vaquinha”) para arrecadação de fundos, com destaque para a *live* cultural com o grupo de rap Guarani e Kaiowá Brô MCs, no dia 13 de junho. Movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e organizações como a Federação das Organizações Sindicalistas Revolucionárias do Brasil (FOB) também realizam arrecadações e distribuição de materiais de higiene, sementes crioulas e alimentos para diferentes territórios e barreiras sanitárias, somando-se ao

⁷ Respectivamente: Grande Assembleia Guarani e Kaiowá; Grande Assembleia das Mulheres Guarani e Kaiowá; Grande Assembleia dos jovens Guarani e Kaiowá.

chamado dos conselheiros indígenas para a solidariedade. Cada uma das ações elencadas é acompanhada e referendada pelas grandes assembleias.

Em cada território Guarani e Kaiowá, se erguem barricadas como barreiras sanitárias, que mesclam o uso de medicinas tradicionais – como rezas nas barreiras para espantar o vírus, o urucum, o cedro e diferentes ervas silvestres – com novas substâncias, a exemplo do escasso álcool-gel, da água sanitária e outros equipamentos de proteção individual. Em Caarapó, o controle territorial define quem entra e quem sai da Tey'i Kue e das retomadas circundantes. A barreira, situada na divisa da aldeia, se mantém ao longo de 24 horas e integra uma equipe de segurança ampla, incluindo responsáveis pela higienização dos carros e pessoas que por ali transitam. Realizam, inclusive, escoltas para as entradas mediadas por necessidades (doações, alimentos, sementes, questões de saúde).

As comunidades realizam diariamente o monitoramento das vias de acesso. Para entrar em Guyra Kambi'y, por exemplo, é preciso “usar duas coisas: máscara e passar urucum na mão e no rosto” (informação verbal). Além do urucum, estão “preparando remédio caseiro *pohã nhana ka'a*” (informação verbal) usada no tempo antigo para curar doenças aos Guarani e Kaiowá. O urucum é referido como uma forma de “se prevenir contra o mal” (informação verbal), o que inclui espíritos e outros seres não-humanos, como o campo de relações *do mba'etirõ*. Yvy'i, um dos fundadores da RAJ, afirma sobre os remédios tradicionais:

Em algumas localidades a gente encontra, em outras não... porque a utilização de “defensivo agrícola” né, que é o veneno, faz os remédios acabarem. Mas a gente tem eles em algumas retomadas, algumas aldeias. Porém, isso não quer dizer que a gente tá completo. As terras foram tiradas e o remédio também. O remédio não é só a planta, o remédio está no animal, na planta, no peixe... cada animal também tem um composto de remédio. Cada planta tem um composto de remédio. Cada peixe, ave, tem um composto de remédio. Então tudo isso foi retirado. Os nhanderu e nhandesy contam que não existia uma doença assim. E hoje a gente vê isso acontecendo. *Os nossos antepassados diziam que essas doenças iam acontecer no futuro, pelo desmatamento, pelo uso do agrotóxico, pelo uso de vários tipos de experimento também. Os karai acabam utilizando coisas inapropriadas e acabam trazendo doenças graves porque atacam a mãe terra.* (informação verbal, grifo nosso)

Novamente, se expressa o antigo conhecimento dos xamãs, que profetizavam a emergência das pandemias como consequência do *karai kuera reko*. É curiosa, ainda, a tradução de Kunha Mboehara, mulher Kaiowá da Reserva Guapoy de Amambai, que afirma que o *mba'etirõ* também pode ser entendido como “o que foi isso?”, ou “o que será que está acontecendo?”, pois a palavra teria sido utilizada quando os indígenas se

depararam, no início da colonização, com novas doenças e epidemias trazidas pelos portugueses, primeiros vetores de infecções e disseminação de mortes em massa no continente.

Nas retomadas, como demonstram nossos interlocutores, reside a fonte da construção da autonomia, que revela no campo dos conhecimentos comunitários Guarani e Kaiowá a importância da *kokue jopara* (roça misturada/diversificada) para a produção e reprodução de sua organização social, mas sobretudo da vida, em contraste às monoculturas potencialmente pandêmicas da agroindústria e ao confinamento e superpopulação das Reservas. Demonstram também que as orientações horizontalmente debatidas e deliberadas – das bases, em cada aldeia e retomada, às assembleias – vem sendo adotadas em diversos tekoha. É deste modo que visualizamos um dos elementos centrais da autonomia Guarani e Kaiowá: a possibilidade de reproduzir seu modo de vida com base nas formas de ocupação tradicional, nítidas barreiras materiais, ideológicas e espirituais (ADOUE, 2018) frente à expansão capitalista.

As práticas políticas dos movimentos étnicos e espirituais das lideranças religiosas têm se mostrado estratégicas. A possibilidade de existir dos povos colonizados caminha na direção da descolonialidade da matriz colonial de poder. Esse giro descolonial, baseado na sensibilidade de mundo dos povos originários, nos permite reconhecer as relações sociais desumanizantes e alienantes – o *karai kuera reko* – como fundamento de adoecimentos, tal como propõe Martín-Baró (1985). Principalmente, possibilita o engajamento com os movimentos Kaiowá e Guarani para enfrentar a realidade atual através da solidariedade.

Considerações finais

As sensibilidades de mundo e conhecimentos comunitários dos povos indígenas têm apontado há tempos para as consequências catastróficas do modo de vida destrutivo e predatório dos não indígenas, para pensar rotas de dispersão possíveis aos vírus do capitalismo e das colonialidades (MIGNOLO, 2014). Para resistir aos avanços da exploração e dominação da vida, tornam-se necessárias resistências descentralizadas nos territórios e a ruptura com as estruturas do desenvolvimento moderno/colonial-capitalista (ESCOBAR, 1995), levadas a cabo pelos Guarani e Kaiowá através das retomadas e, mais recentemente, pelas ações autônomas de contenção do novo coronavírus.

A pandemia apenas reafirma os efeitos nefastos da sociabilidade moderna/colonial-capitalista, inclusive o racismo: após as primeiras infecções nas aldeias, se multiplicaram os casos de ataques racistas contra indígenas na região de Dourados, identificados como “foco da doença”⁸, falsa imagem alimentada pela ampla circulação dos Guarani e Kaiowá na cidade de Dourados, seja para acessar o auxílio emergencial, seja pela tentativa de suprir algumas necessidades básicas – busca de recursos financeiros, trabalho, alimentação. Os

⁸ Os casos foram compilados por diversos jornalistas e jornais de ampla circulação na região.

riscos aos modos de vida devido ao racismo, à devastação ambiental, ameaças bélicas ou pandemias indicam para a necessidade de desprendimento e destruição da matriz colonial de poder, sob o risco da profecia de Tito se cumprir.

O contexto de pandemia também escancara as ações e omissões do Estado frente aos povos indígenas, expressas pelos projetos de lei apresentados neste período e pela ausência de políticas de proteção aos povos, assim como a paralisação das demarcações e uma lógica neointegracionista que se manifesta no discurso do etnodesenvolvimento, defendido pelo atual presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI). A presença ausente do Estado (ALMEIDA, 2014) se radicaliza na medida em que as primeiras mortes por coronavírus assolam a RID, como no caso de Evaristo Garcete, de 59 anos – que já trabalhou em uma usina de álcool, e era pedreiro – e foi enterrado pelo próprio filho (DAU; VIEGAS, 2020); além disto, diferentes interlocutores que habitam a RID relatam internações compulsórias de pessoas suspeitas de contaminação por COVID-19, conduzidas pela Força Nacional para associações beneficentes para cumprir isolamento forçado.

Nesse cenário, os povos são convocados a auto-organização para enfrentar a pandemia e resistirem a intensificação dos projetos de extermínio. As políticas do governo federal (reproduzidas por governos municipais como o de Dourados), que apoiam a abertura do comércio, o isolamento vertical, a prescrição de remédios sem nenhuma comprovação de eficácia, a continuidade e aprofundamento do avanço do agro-extrativismo e do paramilitarismo sobre os territórios indígenas com a flexibilização de leis ambientais apontam para um cenário sombrio, moldado por uma lógica eugenista e um novo paradigma exterminacionista (MUNDURUKU, 2012). No mesmo sentido, caminha a nota emergencial produzida pelas organizações de base Guarani e Kaiowá quando afirmam: “são 520 anos de massacres e doenças que a violenta experiência de colonização nos trouxe” (ATY GUASU et al, 2020, online).

Constatamos, no entanto, que as iniciativas autônomas de controle territorial, barreiras sanitárias, arrecadações através da solidariedade coletiva entre movimentos e pessoas, as rezas e o uso de medicinas tradicionais aparecem como alternativas radicais contra a pandemia e, cada vez mais, contra o Estado e as colonialidades. Das redes aos territórios, os Guarani e Kaiowá seguem ocupando e retomando seu direito à vida. “*Nhande Ramõi Jusu Tata*⁹ deixou aos Pai Tavyterã¹⁰ a responsabilidade de cuidar a terra junto com os *jara*. Nós mesmos estamos fazendo mal à terra. Mas as pessoas não devem temer o fim do mundo, pois os *nhanderu* continuam rezando em Jasuka Venda”¹¹ – refletiu certa vez o

⁹ Segundo os rezadores, é um demiurgo que se auto-criou e criou a terra em Jasuka Venda, *cerro sagrado* localizado no departamento de Amambay no Paraguai. Foi ele, também, quem ensinou o modo correto de viver e de ser Pai Tavyterã.

¹⁰ Como são designados os Kaiowá do lado paraguaio da fronteira.

¹¹ Lugar da matéria primogênita.

rezador Leonildo, sobre o local originário de seu povo. Esperamos que os rezadores lá continuem rezando, Leonildo, apesar da cegueira da visão de mundo dos brancos.

Referências Bibliográficas

- ADOUE, Silvia Beatriz. (2018). “De incêndios e especialização produtiva: sobre o agronegócio florestal exportador no Chile”. *Revista Nera*, vol. 21, n.43. Presidente Prudente, p. 121-126.
- ALBERT, Bruce. (2014). “Situação Etnográfica’ e movimentos étnicos: notas sobre o trabalho de campo pós-malinowskiano”. In: *Campos*, v.15, n.1, Curitiba: UFPR, p. 129-144.
- ALMEIDA, Marco Antonio Delfino de. (2014). *A presença ausente do Estado brasileiro na reserva indígena de Dourados, Mato Grosso do Sul: compreendendo a questão da violência e da segurança pública à luz do direito e da antropologia*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados.
- APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. (2020). *Acampamento Terra Livre 2020 – documento final*. Disponível em: <http://apib.info/2020/05/01/acampamento-terra-livre-2020-documento-final/>. Acesso em: 22 de mai. 2020.
- ATY GUASU. (2012). *Carta da Aty Guasu enviada ao desembargador da 5ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª TRF/SP*. Disponível em: <http://atyguasublogspot.com/2012/03/carta-da-aty-guasu-enviada-ao.html>. Acesso em: 18 de jun. 2020.
- ATY GUASU *et al.* (2020). *Carta emergencial dos conselhos Guarani e Kaiowá frente a pandemia da Covid-19*. Disponível em: <http://apib.info/2020/05/17/carta-emergencial-dos-conselhos-guarani-e-kaiowa-frente-a-pandemia-do-covid19/>. Acesso em: 18 de jun. 2020.
- BENITES, Tônico. (2012). *A escola na ótica dos Ava Kaiowá: Impactos e interpretações indígenas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- BRAND, Antonio. (2004). “Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS”. *Tellus*, v.4, n.6. Campo Grande: UCDB, p.137-150.
- CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. (2013). *Colonialismo, território e territorialidade: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul*. Tese de Doutorado – História. Assis: Universidade Estadual Paulista.
- DAU, Mônica.; VIEGAS, Anderson. (2020). *Pedreiro de 69 anos é primeiro indígena a morrer de covid-19 em MS: total de vítimas da doença chega a 40*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/resultado-das-apuracoes/pedreiro-de-59-anos-e-primeiro-indigena-e-morrer-de-covid-19-em-ms-total-de-vitimas-da-doenca-chega-a-40.ghtml>. Acesso em: 22 de jun. 2020.
- GONÇALVES, Chryslen Mayra Barbosa. 2020. “Yo no sabía si amaba más al puente o al río: torções ontoepistemológicas em José María Arguedas”. *Caligrama*, v.25, n.1, Belo Horizonte: UFMG, p. 45-65.

- LAGROU, Els. (2020). “A vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus”. Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/nisun-a-vinganca-do-povo-morcego-e-o-que-ele-pode-nos-ensinar-sobre-o-novo-coronavirus/>. Acesso em: 16 de mai. 2020.
- MARTÍN-BARÓ, Ignacio. 2017. *Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis: Vozes.
- MIGNOLO, Walter. (2014). *Desobediencia epistémica. retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo.
- MORAIS, Bruno Martins. (2017). *Do corpo ao pó: crônicas da territorialidade kaiowá e guarani nas adjacências da morte*. São Paulo: Elefante.
- MUNDURUKU, Daniel. (2012). *O caráter educativo do movimento indígena (1970-1990)*. São Paulo: Paulinas.
- NIMUENDAJU, Curt. (1987). *As lendas de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani*. São Paulo: Editora HUCITEC.
- SERAGUZA, Lauriene. (2017). “Do fluxo do sangue aos cortes da vida em reserva: sangue, ritual e intervenção entre as mulheres Kaiowa e Guarani em MS”. *Tellus*, v.17, n.33. Campo Grande: UCDB, p. 139-162.
- WALLACE, Robert. 2020. *Grandes fazendas produzem grandes gripes*. Disponível em: <https://faccaoficticia.noblogs.org/post/2020/04/14/grandesfazendas/>. Acesso em: 22 de mai. 2020.

sobre os autores

Felipe Mattos Johnson

É doutorando em Antropologia pela Universidade de Lisboa e mestre em Antropologia pela Universidade Federal da Grande Dourados.

Lucas Luis Faria

É mestrando em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados, onde também obteve o título de bacharel em Psicologia

Recebido em 29/05/2020
Aceito para publicação em 07/07/2020